

Conter a China é, agora, objetivo explícito de Biden

Washington abriu guerra econômica total contra a China

Por Edward Luce

Valor, 19/10/2022

Imagine que uma superpotência declare guerra contra uma grande potência sem que ninguém perceba. O presidente dos **Estados Unidos, Joe Biden**, abriu, neste mês, uma guerra econômica total contra a **China** — praticamente comprometendo o país a frear a ascensão chinesa — e, na maior parte, os americanos não reagiram.

É verdade que há a guerra da **Rússia** na **Ucrânia** e a **inflação** interna para preocupar e desviar a atenção. Mas é provável que a história registre a decisão de Biden como o momento em que a rivalidade entre EUA e China saiu do armário. Agora, Washington assumiu o compromisso de fazer qualquer coisa, que não seja entrar em guerra real, para conter a China.

Não está claro se o meio empresarial americano, e o de outros países, digeriu totalmente o que está prestes a atingi-lo. Por décadas, empresas sérias basearam seu modelo de negócios em ter uma estratégia para a China — seja exportar para o país, produzir lá ou ambos. A não ser que o produto de uma empresa seja, por exemplo, um artigo de luxo ou commodity agrícola, o descolamento tecnológico de Biden prejudicará seus resultados. A escalada também marca uma ruptura final com décadas de política externa dos EUA, que supunha que a integração da China ao mundo globalizado amansaria a sua ascensão como grande potência.

Apoio bipartidário

A conversão dos EUA à ideia de contenção da China tem apoio bipartidário. Uma coisa era o ex-presidente Donald Trump mirar os conglomerados chineses de telecomunicações Huawei e ZTE, e visar um comércio controlado. Outra é o sucessor democrata de Trump isolar todo o setor de alta tecnologia da China. É notável que em nenhum dos dois partidos haja protestos contra esse descolamento EUA-China. Hoje, a política de Washington para a China gira em torno de qual partido consegue ficar mais à direita do outro.

Riscos

Há dois grandes riscos na aposta de Biden. O primeiro é que, agora, os EUA estão perto de tornar uma mudança de regime na China seu objetivo implícito. As novas restrições não se limitam à **exportação** de **semicondutores** de ponta americanos. Elas cobrem qualquer tipo de **chip** avançado produzido com tecnologia americana. Isso envolve quase todos os exportadores de ponta não chineses, não importa se de Taiwan, Coreia do Sul ou Holanda. A

proibição também se estende a “pessoas dos EUA”, o que inclui quem tem visto de residência permanente, além dos cidadãos americanos. Isso implica uma escolha binária entre EUA ou China. A maioria escolherá os EUA. Mas há dezenas de milhares de chineses com vistos de residência permanente que, agora, se sentirão inclinados a acreditar na afirmação de Pequim de que lealdade dividida é algo que não pode existir.

O impacto para a economia da China será muito maior do que a palavra “semicondutor” implica. A medida de Biden baseia-se na premissa de que qualquer tipo de chip avançado pode ser usado pelas Forças Armadas da China, inclusive para o desenvolvimento de **armas nucleares e mísseis hipersônicos**. Ela também visa solapar o objetivo da China de dominar a **inteligência artificial** em termos mundiais até 2030. Mas todos esses chips têm uso duplo, o que significa que os EUA, agora, se comprometeram a bloquear a China em todos os tipos de tecnologias civis que constituem uma economia moderna.

Aos olhos da maioria dos americanos e de muitos ocidentais, essas medidas parecem uma resposta justa às décadas de **furto de propriedade intelectual** que alimentaram o crescimento militar chinês. Aos olhos chineses, parecerá que os EUA querem manter a China comunista contida para sempre. Não é um grande salto passar disso para uma mudança de regime.

O risco mais iminente é que a aposta de Biden possa levar o presidente chinês, **Xi Jinping**, a acelerar seu cronograma para a reunificação com Taiwan. A ilha é de longe o maior fabricante mundial de chips de ponta. Que Biden tenha anunciado as medidas pouco antes do **20º Congresso do Partido Comunista da China**, que terminará no sábado (22) com a provável eleição de Xi para um terceiro mandato de cinco anos, é notável. Muitos analistas de China acham que Xi queria deixar passar o congresso do partido e só muito depois se voltar para sua promessa de resolver a questão de Taiwan. Biden pode ter tornado mais provável uma solução chinesa violenta em relação a Taiwan. E pode igualmente ter dado a Xi um motivo para parar e refletir. É o que vamos descobrir.

O que sabemos é que a segurança nacional é mais uma vez a lente pela qual Washington vê o mundo. O momento “fim da história” ficou para trás. Os EUA abraçaram a teoria que considera que a ascensão da China se dá à custa dos EUA. De certo modo, Biden reage com atraso ao que Xi diz há anos e sem muita sutileza. Significa que o país hegemônico e seu único rival sério, agora, encaram um ao outro pela mesma lente. Ninguém mais tem muito espaço para se fazer ouvir.

A aposta de Biden dará certo? Não sinto nenhum entusiasmo pela perspectiva de descobrir isso. Para melhor ou pior, o mundo acabou de mudar com um gemido, não com um estrondo. Vamos esperar que continue dessa forma.